

esse desejo evidencia as tuas melhorias espirituais. O que te poderá restaurar a saude e o equilíbrio é a nova aplicação de terra.

— Aplicação de terra? — revidou Tomazino assombrado.

— Sim, terás de ser revestido novamente de um corpo terrestre. No planeta encontrarás o remedio para teus males. Despedaçaste o crâneo e voltarás a exibir, no mundo, o crâneo despedaçado. Não te faltará a medicação...

— Medicção?

— Perfeitamente — esclareceu Rogério — o idiotismo, a loucura, o desequilíbrio nervoso...

— São doenças — atalhou o suicida prontamente.

— E' verdade, Tomazino, os sérres terrenos ainda não compreenderam; mas, enquanto curam as enfermidades, acabam curados por elas. Aceitas, pois, o remedio do porvir?

Reconhecia-se o pavor do infeliz, em face da indicação, mas, ao cabo de longos minutos de meditação, murmurou humilhado:

— Aceito... Quando deverei voltar?

— Quando nossa irmã Olinda estiver em condições de te receber nos braços maternos.

O suicida comprehendeu e entrou em profundo silêncio.

Daí a instantes, era novamente recolhido ao seu carcere de dor. Acerquei-me, então, de Rogério, admirado. Meu amigo trazia agora os olhos humidos, revelando enorme piedade e comoção. Antes que lhe fizesse qualquer pergunta, tomou-me delicadamente o braço e murmurou compungido:

— Imensa é a tragédia dos espíritos sofredores. Mas, no auxílio efetivo, é indispensável considerar que cada doente reclama o seu remedio. A maioria dos suicidas requisita a dureza e a ironia para que possa entender a verdade. Até que se verifique a proxima experiência terrestre, Tomazino Pereira estudará sinceramente a propria situação e não se queixará mais...

## O INVESTIGADOR INCONCIENTE

O velho operario, em companhia da filha, identificou a placa brillante no saguão do enorme edificio e galgou a escada, de olhos serenos e confiantes. Depois de bater respeitosamente á porta, atendido por distinto cavalheiro, apresentou a jóvem enferma e explicou:

— Doutor, minha filha ha muito vem apresentando sintomas perturbadores. Frequentemente apresenta-se tomada por forças estranhas, absolutamente incompreensíveis. Parece alucinada e no entanto patenteia o dom da adivinhação, com elementos irrefutaveis. Uma carta, um cofre fechado, não lhe oferecem segredos. Já procuramos ouvir alguns médicos, que, afinal de contas, apenas me agravaram as preocupações. Soube, porém, que o senhor é espiritista, e como já temos recorrido aos préstimos de alguns vizinhos, estou certo de que a sua ciencia nos dará a solução necessaria.

O Dr. Matoso Dupont fixou o olhar percuciente na doentinha e apressou-se a esclarecer:

— Não sou propriamente espiritista, mas um observador dos fenómenos comuns; sou metapsiquista...

O consulente, naturalmente acanhado, guardou silêncio, enquanto o médico atacava a enferma numa saraivada de perguntas. E revelava, no olhar, a alegria do pescador quando fisga o peixe inocente, ou do experimentador que encontra uma cobáia preciosa. O pai acompanhava a cena com interesse. O Dr. Dupont esfregava as mãos, visivelmente surpreendido. Após cerrado interrogatorio, procedeu a experiencias com resultados positivos. Objetos, cartas, livros, fôram tra-

zidos á prova. O médico não dissimulava o enorme assombro.

Homen do trabalho e de horas contadas, o velho operario resolveu intervir e perguntou respeitoso:

— Doutor, que me diz o senhor? Que conselhos nos dá para o caso?

O profissional coçou o queixo e falou solene:

— Sem dúvida, estamos diante de um caso espetacular de criptestésia pragmática.

O cliente esboçou um gesto de timidez, como que a desculpar-se da propria ignorancia, e aventurou:

— Não poderá o senhor fornecer-me esclarecimentos mais simples? Leio muito pouco, o trabalho não me dá folgas...

— Trata-se de manifestação metapsíquica.

O pobre homem diante da complicada terminologia científica, mostrou-se algo desanimado e pediu licença para sair, afim-de trazer um amigo ao consultorio. O Valdemar, rapaz inteligente, versado no Espiritismo e empregado na farmacia proxima, ajuda-lo-ia a interpretar os pareceres médicos. Fôra tão difícil conseguir ensejo para a consulta ao Dr. Matoso; tão elevado o preço da mesma, que o amoroso pai não hesitou. Não deveria perder a oportunidade. Precisava recolher as opiniões da ciencia. O ensejo era unico.

Dai a minutos, regressava ao gabinete, com o amigo prestativo e diligente. O doutor comprehendeu as preocupações paternais e passou a esclarecer o assunto com todas as cōres científicas da respectiva técnica. Referiu-se aos investigadores do psiquismo mundialmente consagrados; ás experiencias européias; falou do ectoplasma, do magnetismo, do subconsciente desconhecido, dos disturbios orgânicos, rodando pela neurologia, pela fisiologia, pela psicologia experimental.

Enquanto a jóvem conservava uma expressão de idiotismo e o progenitor esboçava gestos de justificavel assombro, Valdemar aguardou a pausa do falastrão e ponderou com inteligencia:

— Doutor, estou convencido que o senhor tem suas razões; mas, não concordará que estes fenómenos são

velhos quanto o mundo? Não admite que o caso da pequena se resuma em simples manifestações de mediunidade?

— Ah! naturalmente deseja aludir ás novas descobertas — ao sexto sentido — tornou o esculapio como quem necessita fazer uma retificação indispensavel.

— Sim, pode ser, referindo-nos á ciencia atual — esclareceu o rapaz serenamente — todavia, ha milhares de anos a India e o Egito conheciam iniciados, os judeus reverenciavam os profetas. Ha vinte séculos o mundo assistiu a iluminação do Pentecostes. Não concorda que todas estas manifestações sejam fórmulas diversas da revelação espiritual espalhando no mundo a luz de Deus?

— Ora — retrucou o metapsiquista contrafeito — que motivo nos levaria a meter a religião em problemas desta natureza?

E a palestra animou-se vivamente. Valdemar prosseguia tranquilo, enquanto o Dr. Matoso atingia o auge da exaltação. O primeiro defendia a lógica da fé raciocionada; o segundo acusava os espiritistas de bêocios, doentes, histéricos, fanáticos.

Ao terminar a discussão, o velho retirou-se desalentado, levando a menina enferma e resolvido a contentar-se com o processo lento da cura, mediante as instruções evangélicas da agua efluviada e dos passes ao alcance da familia, no grupo dos vizinhos.

Tal ocorrência constituia, porém, pequenina amostra do investigador renitente. O Dr. Matoso não saía nunca dos seus dominios de experimentador. Visitava nucleos doutrinarios, atormentava os médiuns; fazia questão de exhibir o cartaz de inimigo declarado de todas as expressões religiosas. Afirmando-se discípulo de Richet, adotava a dúvida com atitude preceitual. Em qualquer observação, preocupava-o a possibilidade da fraude e, fosse onde fosse, preferia comentar a exploração grosseira, o charlatanismo, a má fé. A sociedade o conceituava entre as grandes inteligências do meio e ninguem lhe negava títulos de competencia. Entretanto, á força de contacto com os detalhes anatomicos, ele

enrijara as fibras emotivas. Mero caçador de fenômenos, tratava as mais belas sugestões da espiritualidade á maneira de fatos banais, sem maior significação. Não suportava as reuniões onde se fizessem rogativas a Deus, e aos companheiros de indole religiosa preferia os amigos levianos, prontos ao comentário científico, entre um sorriso de mulher sem escrúpulos e um trago de vinho capítoso.

Nada obstante, em todos os acontecimentos os homens dispõem o jôgo da vida, mas Deus é que distribue as cartas. Ninguem vive sem contas, indefinidamente. Chegou, afinal, o dia em que o Dr. Matoso foi compelido a recolher a bagagem material ao cofre vasto da Terra, entrando em nova modalidade de existência. Achava-se, porém, atônito, estarrecido. Em vez de experimentar, sentia-se agora objeto de observação, por parte de gigantes ocultos e intangíveis. Ele que tanto falara de ectoplasma e subconsciente, via fórmulas indescritíveis, completamente estranhas ás suas tabelas de classificação. Aqueles fantasmas que despertavam tamanho sensacionalismo nas sessões de materialização, passavam-lhe ao lado sorridentes e tranquilos, sem lhe dispensarem a minima atenção. Estaria louco? Que forças misteriosas o haveriam arrebatado áquela região sombria e desconhecida? Perseguira materiais de observação durante a existência inteira, dilacerara instrumentos da verdade, procurara fraudes e proclamara desafios e, agora ali, sem qualquer intermediario, verificava ele proprio a multiformidade de revelações da vida. Tentava manter a atitude do experimentador que dispensa a cooperação religiosa, mas os reinos psíquicos multiplicavam-se, os materiais novos excediam a qualquer possibilidade de exame. Sózinho, sem o estímulo de companheiros com quem pudesse trocar impressões, o antigo investigador experimentou enorme cansaço. Ele que sempre fôra avesso a orações, andava desejoso de recolher-se ao mundo íntimo, afim de solicitar a contribuição do mais alto. No fundo, admitia que semelhante atitude representava capitulação; entretanto, a seu ver, não rogaria á maneira de outros crentes. Formularia

simplesmente um pedido de auxílio; mas... a quem? Na secura das experimentações do mundo, jamais cultivara afeições quaisquer. Agravando-se-lhe, porém, as necessidades no meio de situações que não conseguia definir nem compreender, sentiu-se fraco e implorou a Deus lhe concedesse luz para os enigmas que o cercavam. Não demorou muito e um orientador generoso fez-se visível, atendendo a súplica:

— Amorável benfeitor — solicitou humilhado — por quem sois, não me negueis mão amiga no labirinto em que me encontro.

— Escuta, Matoso — respondeu o interlocutor com intimidade — que fizeste de tanto material precioso concedido a tua alma no mundo?

— A ciencia transformou-me num investigador inconciente — explicou, evidenciando grande embaraço.

— Não desejo saber que títulos gratuitos te proporcionou a ciencia convencionalista e sim o que fizeste da cultura enorme, e como usaste os patrimônios vultosos que te foram conferidos na Terra.

O interpelado impressionou-se com a profunda observação e, ganhando alguma coragem, relacionou as antigas inquietações, aludindo aos grandes cientistas do século e ás rigorosas preocupações que adotara pessoalmente nas pesquisas efetuadas. Ao termo da longa exposição, o orientador espiritual falou bondosamente:

— Falas de Crookes, de Flounoy, de De Rochas, de Lombroso, de Richet, mas esqueces que precisas de construção propria. Tanto vacilaste no planeta, que terminaste a última experiência duvidando de ti mesmo. Quando procuravas ansiosamente a fraude nos outros, não vias que fraudavas a propria alma. Desafiaste médiuns e trabalhadores; entretanto, não atendeste aos desafios que a luta nobre te facultou em cada dia terreno.

— Não, não é bem isto — contestou Dupont buscando justificar-se — o que nunca pude tolerar foi a manifestação religiosa.

— Por que? Detestavas a religião, malsinavas a préce, zombavas da fé; contudo, em que lugar do Uni-

verso a vida não é ato religioso? Considerando-se o laço imperecível que une o Criador ás criaturas e as causas do caminho evolutivo, tudo é permuta e atividade divina. O sapo coaxando no pantano, a estrela enfeitando o céu no deserto, o diamante oculto nas pedras abandonadas não estão á procura de admiração humana, mas de identificação com a Divindade. Anotaste, pesaste, classificaste como simples escravo da estatística, porque a cultura espiritual não se constitue apenas de terminologia técnica. A cõr é aspecto, nunca o objeto em si mesmo. E' incontestável que sabedoria e amor representam as asas sem as quais é impossível ascender aos cumes da perfeição eterna; mas, sabedoria não significa cristalização no círculo individual, antes é penetração no país infinito da verdade divina, cuja luz palpita no maravilhoso plano de unidade, através de todos os seres. Não te detenhas no exterior. Busca o teu mundo de belezas ignoradas e observa a ti mesmo. Meu amigo, meu amigo, Deus é Amor, Vida, Suprema Luz!...

Nesse momento, o benfeitor desapareceu numa tormenta de claridades infinidas. Sem explicar o que se passara, Dupont achou-se de joelhos, face lavada em lagrimas abundantes. O cérebro febril banhava-se em energias desconhecidas. Pela primeira vez, sentia a grandeza divina e parecia constituir, êle proprio, harmoniosa nota de amor no cântico universal. Por quanto tempo demorou em adoração indefinível? Não poderia responder.

Quando, porém, examinou a necessidade de integração no trabalho redentor, uma voz carinhosa e familiar lhe timbrou brandamente os ouvidos:

— Vamos, meu filho! o Pai jamais regateia a oportunidade de retificação e serviço. Voltemos para o mundo. Tu que observaste tanto os semelhantes, sem finalidade justa, regressarás agora afim-de seres observado.

### O APÉLO INESPERADO

— Espero nos ajude a vencer tão grande obstáculo — dizia uma senhora inquieta, ao Firmino. Sua cooperação fraternal é a minha última esperança. Minha filha precisa de conselhos urgentes.

— Quem sabe estará a pobrezinha perseguida de algozes das trevas? — lembrava o interlocutor soridente. Conheço casos dessa natureza, em que tudo não passava de simples influenciação de elementos inferiores.

— Estou disso convencida, não tenho mesmo qualquer dúvida. A menina sempre pautou seus atos pelo sincero desejo de acertar. Nunca desprezou o trabalho, nunca deu mostras de rebeldia. Agora, entretanto, parece obsecada por pensamentos indignos.

— Hoje mesmo solucionaremos o assunto — asseverava o doutrinador prestativo — irei á sua casa, logo á noite, fique tranquila. Esses maninhos da sombra preparam ciladas a torto e a direito, mas havemos de vencer o mal, dirigindo energias para o bem.

Enquanto a senhora se despedia evidenciando gestos desordenados de inquietude, outro cliente assomava á porta, requisitando orientação.

— Firmino — exclamava atencioso — a situação de minha mulher continua desesperadora. Tenho a impressão de que ela permanece insensível a qualquer advertência. A obsessão empolga-lhe o sistema nervoso de maneira absoluta. Ainda ontem vi-me em situação vexatória, na Polícia, devido a sérias denúncias de vizinhos. Até quando suportarei este martírio domés-